

G R A P H I A

A
Certain
Slant
of
Light

Laura Whitcomb



A
Certain
Slant
Of
Light



Laura Whilcomb



Sinopse

Na classe do professor de Inglês que ela tem assombrado, Helen os sente: pela primeira vez em 130 anos, olhos humanos estão olhando para ela. Eles pertencem a um garoto, um garoto que não parecia notável até agora. E Helen está apavorada, mas intrigadamente atraída por ele. O fato de que ele está em um corpo e ela não apresenta a esse improvável casal o seu primeiro desafio. Mas como os amantes lutam para encontrar uma maneira de estarem juntos, eles começam a descobrir os segredos de suas vidas anteriores e dos jovens que venham a possuir.



Capítulo Um

Alguém estava olhando para mim, é uma sensação perturbadora se você está morta. Eu estava com meu professor, Sr. Brown. Como de costume, estávamos na nossa sala de aula, aquela caixa segura e com paredes de madeira – as janelas abriam no gramado para o oeste, a bandeira desaparecendo na poeira do giz, no canto a televisão montada acima da placa de boletim como um olho dormindo e a esplêndida mesa do Sr. Brown vigiando um regimento de mesas de estudantes. Naquele momento eu estava rabiscando comentários invisíveis nas margens de um papel deixado na bandeja do Sr. Brown, apesar das minhas palavras nunca serem lidas pelos alunos. Às vezes Sr. Brown me citava; tudo na mesma, enquanto escrevia seus próprios comentários. Talvez eu não pudesse fazer cócegas no interior de sua orelha, mas eu poderia alcançar as misteriosas curvas de sua mente.

Embora eu não pudesse sentir o papel entre meus dedos, cheirar tinta, ou provar a ponta de um lápis, eu podia ver e ouvir o mundo com toda a clareza da Vida. Eles, por outro lado, não me vêem como uma sombra ou um vapor flutuando. Para os Quick¹, eu era ar vazio.

Ou assim pensava eu. Quando uma menina apática leu em voz alta Nicholas Nickleby², então o Sr. Brown começou a fantasiar sobre como ele tinha mantido sua esposa acordada na noite anterior, quando a minha caneta espectral pairou sobre uma palavra grafada incorretamente, eu senti alguém me olhando. Nem mesmo o meu adorado Sr. Brown poderia me ver com seus olhos. Eu tenho estado morta há tanto tempo, pairando ao lado dos meus hospedeiros, vendo e ouvindo o mundo, mas nunca sendo ouvida por ninguém e nunca em todos estes longos anos, nunca sendo vista por olhos humanos. Eu fiquei como uma pedra imóvel, enquanto a sala se dobrava ao meu redor como uma mão se fechando. Quando eu olhei para cima, não de medo, mas em fascínio. Minha visão se condensou de modo que só havia um pequeno furo no escuro para ver. E foi aí que eu encontrei o rosto que estava virado para mim.

Como uma criança brincando de esconde-esconde, eu não me movi, no caso de eu ter estado enganada sobre ser descoberta. E infantilmente eu senti tanto o desejo de permanecer escondida e um arrepio de antecipação de ser capturada. Esse rosto, que virou diretamente para mim, tinha os olhos fixos diretamente nos meus.

¹ Quick pode significar breve, rápido, instantâneo. Achei melhor não traduzir, então deixei como Quick mesmo. Os Quick seriam os vivos.

² Romance escrito por Charles Dickens.



Eu estava em pé na frente do quadro-negro. Deve ser isso, pensei. Ele está lendo algo que Sr. Brown escreveu lá - o capítulo que ele tem que estudar em casa naquela noite ou a data do próximo teste.

Os olhos pertenciam a um normal homem jovem, como a maioria dos outros nessa escola. Uma vez que este grupo de estudantes estava na décima primeira série, ele não poderia ter mais de dezessete anos. Eu o tinha visto antes e não havia pensado nada sobre ele. Ele sempre tinha sido vago, pálido e sem graça. Se alguém de alguma forma conseguia me ver com seus olhos, não seria esse tipo de rapaz - este tipo simples de cinzas de dentro. Para alguém realmente me ver, teria que ser extraordinário. Eu andei devagar, atravessando por trás da cadeira do Sr. Brown, para ficar no canto da sala ao lado da bandeira. Os olhos não me seguiram. As pálpebras piscaram lentamente.

Mas no momento seguinte, os olhos estalaram nos meus novamente, e um choque passou por mim. Eu ofeguei e a bandeira agitou por detrás de mim. No entanto, a expressão do garoto nunca mudou, e no próximo momento, ele estava olhando para o quadro-negro novamente. Sua feição era tão branca e eu decidi que tinha imaginado isso. Ele tinha olhado para o canto porque eu tinha perturbado um pouco a bandeira.

Isso acontecia com freqüência. Se eu me movesse depressa demais perto de um objeto, ele poderia tremer ou balançar, mas não muito, e nunca quando eu queria. Quando você é Luz, não é a brisa do seu passo apressado por uma flor que a faz tremer. Também não é o roce de suas saias que inicia uma cortina esvoaçante. Quando você é Luz, são apenas as suas emoções que podem enviar uma ondulação no mundo tangível. Um lampejo de frustração quando seu hospedeiro fecha um romance que ele está lendo muito cedo poderia agitar seus cabelos e levá-lo para verificar a janela por uma corrente de ar. Um suspiro de luto na beleza de uma rosa que você não pode cheirar pode assustar uma abelha para longe. Ou um riso silencioso em uma palavra usada incorretamente pode causar ao braço de um estudante um formigamento com um frio inexplicável.

A campainha tocou, e cada aluno, incluindo este jovem pálido, bateu os livros fechados e ficou com uma raspagem dos pés da cadeira, se arrastando em direção à porta. Sr. Brown saiu imediatamente do seu sonho da cama.

— Eu vou trazer um vídeo amanhã. — disse ele. — E não durmam durante ele, ou eu vou fazer vocês atuarem-no. — dois ou três de seus alunos agradeceram a esta ameaça, mas a maioria já tinha ido embora, mentalmente se não fisicamente.

Então foi assim que começou. Quando você é Luz, dia e noite têm menos significado. A noite não é necessária para o descanso - é apenas uma escuridão irritante por várias horas. Mas uma cadeia de dias e noites é a maneira na qual os Quick medem suas viagens. Esta é a história da minha viagem de volta através do Quick. Eu subiria em carne novamente por uma cadeia de seis dias.

Fiquei vergonhosamente perto do meu Sr. Brown pelo resto do dia. Ao aderir a um hospedeiro, não é necessário ser a sombra da pessoa de sala em sala. Eu nunca iria seguir um hospedeiro masculino no banho, por exemplo, ou na cama de casal, homem ou mulher. Eu



aprendi desde o início como sobreviver. A partir do momento em que eu encontrei o meu primeiro hospedeiro, eu tinha sido devotada às normas que mantinham o meu castigo na baía.

Lembrei-me de todas as minhas assombrações claramente, mas apenas algumas imagens ficaram comigo do tempo em que eu era Luz. Lembrei-me da cabeça de um homem sobre o travesseiro ao meu lado. Ele tinha cabelo cor de palha, e quando ele abriu os olhos, ele não estava olhando para mim, mas para a janela, onde o vento estava fazendo barulho contra a vidraça. Um rosto bonito que trouxe nenhum conforto. Lembrei-me de pegar um vislumbre dos meus próprios olhos no reflexo da janela quando eu assisti esse homem passear para longe em um cavalo preto pela porteira da fazenda, o horizonte carregado de nuvens. E lembrei-me de ver um par de olhos assustados olhando para mim, cheios de lágrimas. Eu podia lembrar meu nome, minha idade, que eu era uma mulher, mas a morte engoliu o resto.

A dor, uma vez que eu estava morta, era muito memorável. Eu estava no fundo do frio, sufocando nas entranhas de uma sepultura quando o meu primeiro assombro começou. Eu ouvi a voz dela na escuridão lendo Keats, “Ode to a Nightingale³”. Água gelada estava queimando minha garganta, fragmentando as minhas costelas, e meus ouvidos estavam cheios com um som como um demônio urrando, mas eu podia ouvir a voz dela e a alcancei por ela. Uma mão desesperada explodiu do dilúvio e pegou a bainha do vestido dela. Arrastei-me, mão sobre mão, fora da terra e estremei aos pés dela, segurando suas saias, chorando lágrimas turvas. Tudo o que eu sabia era que eu tinha sido torturada na escuridão, e então eu tinha escapado. Talvez eu não tinha chegado ao brilho do céu, mas pelo menos eu estava aqui, na lamparina dela, segura.

Levei muito tempo para perceber que ela não estava lendo para mim; nem eram seus sapatos manchados com lama. Segurei-a, mas meus braços não enrugaram as dobras de seu vestido. Eu gritei para os pés dela como uma infeliz prestes a ser apedrejada, beijando a bainha das vestes de Cristo, mas ela não me viu, não podia ouvir os meus soluços. Eu olhei para ela, um rosto frágil, pálido, mas rosado nas bochechas, e um nariz como se sempre fosse inverno em torno dela. Ela tinha cabelos ondulados empilhados na cabeça como um ninho de pássaro e olhos bem verdes, espertos como os de um gato. Ela era sólida e quente com um esvoaçante pulso. Ela usava um vestido preto com botões incompatíveis, os cotovelos finos. Minúsculas manchas de tinta salpicavam seu xale cor de manteiga. A capa do pequeno livro em suas mãos estava em relevo com a figura de um veado correndo. Era tudo real e flamejante com detalhes. Mas eu era sombra, luz como neblina, muda como papel de parede.

— Por favor, me ajude. — eu disse a ela. Mas surda para mim, ela virou a página.

— Tu não nasceste para morrer, Pássaro imortal... — enquanto ela lia em voz alta as familiares palavras, eu sabia o que eu era. Fiquei ao lado dela por horas, com medo de que se eu olhasse para longe dela ou tentasse lembrar muito de como eu tinha chegado a estar no inferno, eu seria jogada de volta lá.

Depois de uma contagem de páginas, minha hospedeira fechou o livro. Fiquei assustada com a idéia de que ela poderia apagar a luz quando ela fosse para a cama, e esse pânico me fez cair sobre ela novamente. Eu joguei minha cabeça em seu colo como uma criança inconsolável.



O livro caiu de suas mãos e caiu de mim para o chão. Fiquei espantada com a súbita dolorosa sensação. Minha hospedeira se dobrou para recuperar o livro de poemas, e quando o corpo dela passou por mim, me senti cair e depois subindo novamente como se eu estivesse no balanço de uma criança. Uma expressão muito peculiar passou sobre o rosto dela. Ela colocou cuidadosamente o volume sob a lâmpada da mesa ao seu lado e pegou caneta e papel. Ela mergulhou na tinta e começou a escrever:

Um pretendente se curvou sob um joelho. Morte pediu a minha mão.

Eu podia dizer pelas manchas pretas nas pontas dos dedos que, muito provavelmente, estas não eram as primeiras linhas que ela já tinha escrito. Eu não podia dizer se eu a tinha inspirado, mas eu rezei para que eu tivesse. Se eu pudesse fazer alguma coisa boa, talvez eu tivesse uma entrada garantida no céu. Tudo o que eu sabia era que esta santa era a minha salvação da dor e que eu seria ela até o dia em que ela morresse. E é por isso que eu a chamei, de minha Santa. Ela era tão equilibrada como uma rainha e tão gentil com um anjo.

Eu estava confinada ao mundo dela, mas não era igual a ela. Eu podia fantasiar que éramos irmãs ou melhores amigas, mas eu ainda era apenas seu fantasma visitando. Eu era uma prisioneira de licença da masmorra - eu sabia nada do meu crime ou do comprimento da minha sentença, mas eu sabia que eu faria o que eu pudesse para evitar ser torturada. Sozinha no ar lilás do jardim do país dela, eu deslizei em volta dela enquanto ela escrevia centenas de poemas, seu cabelo e olhos lentamente ficando brancos.

Uma noite, quando eu estava me movendo com ela ao longo da estrada para trás da floresta, nós paramos para observar uma mosca lutando em uma teia enquanto uma aranha esperava em uma folha e observava. Eu podia sentir minha Santa criando um poema sobre a possibilidade de anistia da aranha, mas o que eu não percebi era que ela tinha parado de observá-los e tinha marchado para casa e já estava mergulhando em tinta antes que eu girasse para encontrá-la.

No começo eu pensei que ela deveria estar a poucos metros à frente, escondida pelas sebes na curva da estrada. Corri em direção a nossa casa, mas já era tarde demais. A velha dor voltou; primeiro para os meus pés, como chinelos de gelo, em seguida, até as minhas pernas, me levando a um rastejar. Eu ainda podia ver a estrada a minha frente, mas quando eu caí, eu ouvi um salpicar e hastes frias subiram nos meus braços e no meu coração. Eu a chamei até a minha boca estar cheia de água. A noite tinha virado negra como o meu túmulo. Eu estava de volta ao inferno que eu tinha conhecido antes de encontrá-la. Eu tentei fazer o que eu tinha feito na primeira vez que tinha ouvido a voz dela. Eu impulsionei minhas mãos, sentindo cegamente por suas saias, mas eu apenas senti tábuas de madeira molhadas. Agarrando-as, senti um canto e em seguida uma prateleira plana, e então outra prateleira. Escavei nas tábuas e me puxei para cima. Quando sai desta vez, eu senti um sapato. A escuridão afundou na luz quente. Olhei para cima para ver minha Santa em pé sobre os degraus de madeira de sua despensa, uma caneta em uma mão e um poema meio-escrito em outra. Ela olhou para fora no crepúsculo do jardim como se tivesse ouvido um intruso em suas roseiras. Eu estava deitada sobre seus degraus, uma mão segurando o sapato dela, agradecendo a Deus por me deixar



voltar para ela. Depois disso eu sempre fui muito cuidadosa em permanecer perto de meus hospedeiros.

No dia final da minha Santa, eu esperei tão apaixonadamente que ela me levasse com ela para o céu que eu me deitei na cama ao lado dela, ouvindo-a respirar. Ela não tinha enfermeira, nem empregada. Estávamos completamente sozinhas. Eu não entendi o quanto eu sentiria falta dela até que ela permaneceu imóvel como a terra debaixo da minha cabeça. Minha Santa. Minha própria voz no ar, cantando ou testando uma linha de um compasso em voz alta. Minha única companheira no outono caminhou. Minha “viradora” de páginas ao lado da lareira. Eu rezei para Deus para me deixar ir com ela.

Eu não conseguia me lembrar do meu passado pecaminoso, atos que eu tinha feito antes da minha morte ter me banido do céu, mas agora eu rezei a Deus para me deixar pagar a minha dívida ao lado da minha Santa. *“Se lembre de como eu tentei consolá-la quando ela estava sozinha, eu rezei, e como eu a inspirei quando sua caneta começou a riscar linha após linha de versos.”*

Mas Deus não respondeu à minha oração nem se explicou. Não houve sequer um momento quando seus olhos de cor verde se viraram para mim em reconhecimento. Minha amiga, minha Santa, tinha simplesmente desaparecido. O frio familiar começou a puxar nos meus pés, acelerando até as minhas pernas, serpenteando gelo em mim. Eu só fui salva apenas pela insistente batida na porta abaixo. Afundei no ar, através do piso do quarto, o teto do corredor, a porta de madeira, e desesperada para não ser lançada na escuridão novamente, eu abracei o corpo que estava ali. Um jovem que havia estado se correspondendo com ela por um ano, elogiando seu verso, tinha escolhido aquele dia para visitá-la pela primeira vez. Ele estava com um buquê de violetas na mão, olhando acima para as janelas com cortinas com desapontamento. Fechei meus olhos, pressionei meu rosto em sua mão, e rezei a Deus para me deixar tê-lo.

Finalmente minhas preces foram agitadas pelo som de cascos de cavalos. Eu me encontrei sentada na segurança do carro dele, aos pés do meu novo hospedeiro do lado das violetas que ele tinha descartado.

E então eu estava entregue novamente a um salvador inconsciente. Eu o chamei de meu Cavaleiro, porque ele tinha vindo em meu auxílio quando eu estava em sofrimento. Ele era um escritor, viúvo e sem filhos. Ele escrevia histórias de cavaleiros e princesas, monstros e magias, contos que ele teria contado aos seus queridos na hora de dormir. Seus editores imprimiram apenas seus livros na Escritura, não aquelas histórias encantadoras. Isso fê-lo ficar com raiva e fez com que ele andasse duramente, como uma pessoa que nunca iria tirar sua armadura. Eu tentei ser sua amiga, e acredito que suavizei suas palavras mais de uma vez para que seus livros fossem aceitos e mantivessem seus armários com pão.

Eu tive outra chamada estreita com o inferno enquanto estava no teatro com o meu Cavaleiro. Ele tinha ido com dois amigos para ver uma produção de *Much Ado About Nothing*³.

³ Xanadu é um [filme musical](#), sobre um jovem [pintor](#), inspirado por uma musa à abrir, junto com um empresário aposentado, a boate-



Enquanto eu estava na caixa ao lado de sua cadeira, me apaixonei pelas fantasias e diversão dos atores. Eu estava tão perto do meu Cavaleiro como dois lugares na mesma cerca, e ainda no momento em que eu fiz um desejo, eu quebrei uma misteriosa regra de assombração. Eu assisti os amantes na piscina de luz abaixo e desejei que um deles fosse meu hospedeiro. Um frio bateu no meu coração. Eu deslizei pelo chão e metade em meu velho túmulo antes que eu pudesse me parar. Segurei a mão do meu Cavaleiro e oscilei ali.

Retiro o que eu disse. Eu rezei. Eu quero meu Cavaleiro. Eu lutei meio para dentro e para fora da janela do inferno pelo resto da peça. Uma dor gelada me puxou por baixo como se eu estivesse em pé num navio afundando do meu próprio caixão flutuante, um mar de inverno até meus quadris. *Por favor, deixe-me tê-lo,* eu implorei. Finalmente, quando a cortina caiu, eu fui lavada acima sobre o quente e seco tapete ao lado dos pés do meu Cavaleiro. Depois disso eu fui cautelosa com o que desejava.

No final, quando meu Cavaleiro caiu em um canto obscuro de um quarto de hospital, eu achei que outra vez eu estava perdendo meu único amigo. Rezei novamente a Deus para me deixar ir com o meu hospedeiro, mas nenhuma resposta veio. O que me salvou desta vez foi uma voz completamente diferente da dos meus primeiros hospedeiros.

Um dramaturgo que tinha quebrado o braço estava rindo com um companheiro no quarto ao lado, repetindo a aventura que tinha causado sua lesão. Deixei o lado da cama do meu Cavaleiro, recuei do frio que já estava me sugando, e me inclinei através da parede adjacente, dobrando meus braços em torno desse jovem tolo. Segurei-lhe muito forte até que eu soube que estava com ele.

Este rapaz, meu Dramaturgo, não era nada como os meus dois primeiros hospedeiros. Ele tinha festas em seus aposentos quase toda a noite até o amanhecer dormia até meio-dia, escrevia na cama até as quatro, se vestia e ia ao teatro para trabalhar, então jantava fora e começava toda a celebração de novo. Eu não acho que ele estava; de tudo, consciente de mim. Ele e seus amigos pareciam fazer pouco mais do que fazer luz de seus talentos. Suas peças faziam as pessoas rirem, mas as únicas vezes que eu parecia ser influente eram em certas manhãs escuras quando ele acordava após dormir apenas uma hora, assustado por um pesadelo. Eu me sentava ao pé de sua cama e recitava poemas escritos pela minha Santa até que ele caísse de volta nos sonhos. Ele bebia muito, comia muito pouco, e morreu muito jovem e de repente em uma de suas próprias festas.

Um doce cavalheiro poeta, que foi um dos convidados do evento, cuidou do meu Dramaturgo quando ele caiu; como Horatio segurando a cabeça de Hamlet em sua grande mão. Eu o escolhi instantaneamente. Meu novo hospedeiro – Eu o chamei de meu Poeta - era mais suscetível aos meus sussurros que o anterior. Quando sua mente se secava antes de um poema estar completo, eu tinha grande prazer em falar idéias em seu ouvido sonolento. Como Coleridge com a sua visão do paraíso restaurado, ele acordava na manhã seguinte e transformava minhas idéias de palha em linhas douradas. Ele se apaixonou sem ser correspondido por vários outros cavalheiros, alguns inclinados a homens e outros não, mas



ele nunca encontrou um companheiro. Meu Poeta tornou-se professor em seus últimos anos e foi mentor de um garoto de dezessete anos chamado Brown.

Meu Sr. Brown era um estudante dedicado e escreveu histórias tão apaixonadas e ouviu tão exclusivamente todos os conselhos, eu o escolhi em antecedência. Eu poderia ter meses antes que o meu hospedeiro fosse para o céu sem mim. Eu me apeguei ao Sr. Brown quando ele veio para dizer adeus ao meu Poeta. Sr. Brown estava se mudando para o oeste para entrar em uma universidade a três mil milhas de distância. Eu o escolhi em parte porque ele amava muito a literatura, mas eu também o escolhi porque ele tinha um bom coração, uma língua honesta, e uma honra clara e ainda parecia totalmente inconsciente do fato de que era virtuoso. Isso o fez especialmente atraente. Eu tinha uma meia memória de ser enganada por um sorriso bonito, mas o rosto do Sr. Brown parecia um verdadeiro espelho de seu espírito. Senti-me ainda mais ligada a ele do que eu tinha sentido com os outros. Talvez por isso eu o tenha chamado pelo seu nome.

Eu tinha aprendido bem as regras da minha sobrevivência durante aquelas décadas - fique perto do seu hospedeiro ou corra o risco de retornar para o calabouço, tome o pequeno prazer que você pode possuir a partir de uma existência delegada, e tente ser útil. E eu acredito que fui útil ao Sr. Brown quando ele estava escrevendo seu romance.

A partir do momento em que ele estava com dezoito anos, ele passava pelo menos uma hora por dia trabalhando em seu livro. Ele o manteve em uma caixa que já tinha papel em branco. Sentava-se num parque ou numa mesa na biblioteca, compondo um parágrafo por dia. Ele tinha mais de duzentas páginas manuscritas cuidadosamente, mas ainda estava no capítulo cinco. Eu me sentava ao lado dele ou o passeava em torno dele, observando-o pensar. Cada página era tão preciosa quanto um poema. Quando pensamentos ou dúvidas da vida mundana ficavam em sua mão, eu tentava agarrar sua caneta para motivá-lo, mas meus dedos só transpassavam-na. Descobri que a melhor maneira que eu poderia ajudá-lo a libertar sua escrita era a de colocar meu dedo sobre a última palavra que ele tinha escrito. Isso sempre trouxe sua caneta de volta ao papel e um sorriso em seus lábios. Era um conto de irmãos lutando por opostos reis em um cenário medieval tão rico e misterioso como Xanadu⁴.

Eu ansiava tanto por falar com ele sobre os nomes ou motivações dos personagens, sobre uma frase aqui que descrevia um rio e uma palavra lá que descrevia os olhos de um moribundo. Eu fantasiava, enquanto ele dormia; longas conversas que teríamos se ele pudesse me ver e ouvir - nós dois tomando chá ou caminhando no país, rindo juntos sobre idéias brilhantes. Mas isso nunca iria acontecer, é claro. E assim foi, a minha hora favorita de cada dia com ele e seu livro, até que a redação parou no dia em que ele conheceu sua noiva.

Eles se viram através de uma sala de aula e se encontraram na porta quando partiram. Houve uma familiaridade desconfortável sobre tudo isso. O jeito que ela sorriu para ele, o jeito que ele estava emocionado quando ela riu de sua piada, as pequenas desculpas que cada um tinha para se tocarem. A mão dela em seu braço quando ela fez uma pergunta, o joelho dele tocando o dela enquanto eles bebiam café em uma pequena mesa em um pub tão barulhento

⁴ Pode ter vários significados, mas o mais correto, eu acho, seria ESTRANHO.

<http://www.urbandictionary.com/define.php?term=chimney+sweep> . Nesse site vcs podem ver as outras definições)

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

